

A influência da arquitetura de interiores no espaço de saúde destinado ao tratamento pediátrico



<https://doi.org/10.56238/interdiinovationscrese-040>

Josyê Fernanda Fritzen Oliveira

Arquiteta e Urbanista pelo Centro Universitário Dinâmica das Cataratas-UDC

Elisiana Alves Kleinschmitt

Arquiteta e Urbanista, Mestre, Professora do Centro Universitário Dinâmica das Cataratas-UDC

RESUMO

O presente artigo visa demonstrar a importância e a influência da arquitetura de interiores no tratamento hospitalar pediátrico, tendo em vista que geralmente esses espaços são frios e amedrontadores, sendo ainda mais impactante para as crianças. Sendo assim, o estudo busca identificar a interferência da inserção do conceito de humanização em espaços de saúde destinados ao público infantil (crianças de 0 a 12 anos), que contribui para a diminuição de episódios traumáticos. Neste sentido, a discussão da humanização torna-se essencial, principalmente pela busca de diminuir a ansiedade, inquietação e estresse causado nos pequenos pacientes e em todos os envolvidos no processo. O objetivo desse artigo é estabelecer uma relação direta entre a

humanização do espaço, por meio da arquitetura de interiores, com o ambiente de saúde e, ainda, apresentar estratégias para a inclusão do conceito em instituições pediátricas. Para atingir o propósito, a pesquisa reúne estudos de casos nos hospitais: Hospital Infantil Nelson Mandela (Joanesburgo, África do Sul), Hospital Infantil EKH/IF - Integrated Field (Samut Sakhon, Tailândia) e Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears (Orlando, Estados Unidos), apontando soluções que comprovam a inserção de abordagens estratégicas que visam um espaço e atendimento humanizado. Dessa forma, este trabalho ressalta o efeito da arquitetura de interiores no psicológico e processo de tratamento do pequeno paciente, que impacta diretamente em acompanhantes e funcionários, que formam uma equipe multidisciplinar no atendimento. A arquitetura de interiores, aliada ao espaço de saúde humanizado, proporciona um ambiente acolhedor, tranquilo e agradável, facilitando e agilizando o atendimento dos profissionais de saúde, bem como tornando a experiência mais leve e divertida ao infante.

Palavras-chave: Arquitetura hospitalar, Humanização, Pediatria.

1 INTRODUÇÃO

A inserção do conceito de humanização em ambientes destinados ao tratamento de saúde de pacientes pediátricos vem se destacando como característica essencial neste tipo de empreendimento. Trata-se de um nicho da arquitetura de interiores que possui papel fundamental para a contribuição em processos de tratamento e cura, com a inclusão de estratégias que busquem a promoção de tranquilidade e acolhimento aos pacientes, acompanhantes e toda equipe médica. A relação entre as mais diversas alternativas utilizadas para atingir o “humanizar” é complexa, porém extremamente eficaz, destinada a ressignificar espaços hospitalares, geralmente com características frias e amedrontadoras, fazendo emergir ambientes acolhedores e felizes, sempre em busca do estado de bem-estar psíquico e emocional de cada usuário do espaço.



A função do arquiteto no desenvolvimento de um projeto hospitalar é compreender condicionantes funcionais e metodológicas, compatibilizando espaços a uma realidade viva. O árduo trabalho é consequência da contribuição coletiva dos profissionais de saúde com os engenheiros e arquitetos, responsáveis pelo planejamento global da edificação, reunindo aspectos físicos, psíquico e social, a fim de promover bem-estar aos enfermos e acompanhantes (DE CARVALHO, 2014).

Sendo assim, ambientes hospitalares requerem projetos arquitetônicos que promovam flexibilidade, estratégias construtivas e alternativas para atender a demanda crescente de pacientes e o avanço de tecnologias. Com o passar dos anos, ficou evidente a necessidade de desenvolver uma arquitetura mais humana, criando assim, o conceito da humanização inserido na arquitetura hospitalar, respeitando não somente a forma e a função, mas também o público-alvo, acompanhantes, visitantes e os próprios profissionais de saúde (BITENCURT; COSTA, 2003).

A humanização da assistência hospitalar é um termo abrangente utilizado para definir um movimento em busca da valorização da pessoa que faz uso dos serviços de saúde, considerando o paciente e o profissional como parte essencial do processo, sendo o primeiro, o principal foco de atenção (DE MEDEIROS, 2004, p. 28).

Projetar ambientes voltados à área da pediatria demanda a observância de ainda mais particularidades. Os espaços devem ser lúdicos, visando a confortabilidade, e devem facilitar o processo de trabalho desenvolvido pelos profissionais de saúde, respeitando as características e valores individuais de cada local, bem como contribuindo efetivamente na desmistificação de que o ambiente hospitalar é frio e ameaçador. Além disso, a criação de ambiências promove bem-estar, ainda mais se tratando de crianças, que já se sentem desconfortáveis e intimidadas por estarem fora de seu âmbito familiar e longe de pessoas do convívio cotidiano (RIBEIRO; GOMES; THOFEHRN, 2014).

Analisando a influência da arquitetura no estado psicológico do ser humano, é inevitável relacionar a importância e a influência da humanização na promoção do bem-estar aos usuários do ambiente de saúde infantil, tendo como direcionamento da pesquisa o parâmetro de crianças de 0 a 12 anos, em hospitais que são referencia: Hospital Infantil Nelson Mandela (Joanesburgo, África do Sul), Hospital Infantil EKH/IF - Integrated Field (Samut Sakhon, Tailândia) e Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears (Orlando, Estados Unidos).

Desse modo, será discutida a forma com que o pequeno paciente se comporta no ambiente, sendo abordado, ainda, como o projeto arquitetônico voltado à humanização busca auxiliar e minimizar o estresse e impactos causados pelos tratamentos e hospitalização infantil, que em muitas vezes são invasivos e traumáticos ao paciente. Além disso, o estudo reúne abordagens e estratégias dentro da arquitetura de interiores que auxiliam para que o ambiente se torne mais alegre, divertido, lúdico e confortável, transformando em um espaço de trabalho e tratamento menos amedrontador, eficaz e otimizado.



Em síntese, o trabalho em comento tem como objetivo geral comprovar a importância da arquitetura de interiores para atingir o conceito de humanização em espaços hospitalares pediátricos. Para atingir o objetivo geral, buscou-se, a partir dos objetivos específicos, produzir um estudo que busca apresentar a ligação entre o ser humano e o ambiente, identificando a influência psicologia e comportamental, com base na interpretação de soluções e diretrizes arquitetônicas, que auxiliem na ambiência e humanização do espaço de saúde infantil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL

De acordo com a definição de De Góes (2006), a Pediatria é o ramo da Medicina responsável pelo tratamento de doenças em crianças, de qualquer aspecto.

O ambiente hospitalar adaptado e projetado para atender o público infantil é de extrema importância para a qualidade do tratamento pediátrico, que deve estar focado não somente na doença, mas também nas necessidades do paciente (LIMA; ROCHA; SCHOCHI, 1999).

Nesse contexto, o espaço destinado ao atendimento desse público específico deve, em sua concepção, diminuir o impacto emocional sobre as crianças em hospitalização. Com isso, é necessária uma equipe médica bem preparada, que saiba lidar com o universo infantil e que se preocupe com o emocional e o psicológico da criança e da família (COLLET et al., 2005).

Nos pequenos pacientes, a forma de expressar as doenças e os sentimentos é diferente. É necessário um atendimento específico, que consiga decifrar e entender o que a criança sente, demonstra e fala. É relevante elaborar estratégias para informá-los adequadamente sobre as doenças, tratamentos, consequências e até mesmo sobre o processo de adoecer. O atendimento deve ser claro, tanto para o paciente como para o médico ou enfermeiro. A internação também é um ponto relevante para a compreensão da criança, pois a participação do paciente no tratamento é de extrema importância, devendo ser levados em conta os processos interativos de comunicação (processo individual), para facilitar o tratamento, diminuir o estresse por parte da criança e o otimizar a recuperação (PEROSA; GABARRA, 2004)

Ainda de acordo com De Góes (2006), o espaço com a finalidade de tratar e curar o público infantil, como uma clínica pediátrica, deve ser pensado para esse paciente específico, de forma que o deixe mais tranquilo. Embora cada caso seja único, como o atendimento pediátrico proposto engloba crianças de até doze anos de idade, convém criar espaços lúdicos, interativos, com o mobiliário adequado na escala das crianças, com cantos levemente arredondados, uso de cores vivas (evitando o branco, que provoca irritabilidade), brinquedos e ambientes que estimulem o imaginário, de forma que chame a atenção da criança.



Outro ponto de extrema importância no tratamento dos pequenos pacientes é o acompanhamento da família ou responsáveis. Considerado essencial para a evolução do tratamento, a presença de familiares ou pessoas de sua confiança deixa o paciente mais tranquilo e confiante, facilitando e ajudando no processo de hospitalização e nos procedimentos a serem realizados. É importante que esse ambiente de saúde tenha espaços projetados para atender os acompanhantes, de forma que eles também se sintam bem no local (LIMA; ROCHA; SCHOCHI, 1999).

Neste contexto, a hospitalização infantil, aliada à arquitetura de interiores, vem transformando e criando uma nova visão por parte das crianças, familiares e trabalhadores da área da saúde, em todo o processo de tratamento, priorizando o bem-estar por meio da humanização e abandonando a corriqueira sensação de frieza e insensibilidade.

2.2 A HUMANIZAÇÃO DA ARQUITETURA HOSPITALAR

A busca pela qualidade no tratamento em aspecto físico tem se tornado cada dia mais necessário nos espaços destinados à saúde. Por essa razão, a humanização dos ambientes tem se tornado um tema abrangente e indispensável, pois o conceito de humanizar não está somente relacionado à diminuição dos desgastes emocionais e fisiológicos, mas também na promoção de bem-estar aos pacientes, familiares, acompanhantes, visitantes e funcionários, criando assim, um espaço seguro e acolhedor (CAVALCANTI; DUARTE; AZEVEDO, 2007).

Desse modo, é de extrema importância o conceito de humanização, principalmente quando se está diante do estudo de tratamento infantil, com adoção de estratégias e soluções arquitetônicas desenvolvidas para auxiliar na diminuição do impacto causado durante o período de internação ou de procedimentos em geral.

Segundo Sebben (2020), a humanização pode ser adquirida por meio de fatores ambientais, ressaltando que são os elementos principais para um resultado satisfatório e positivo. Neste contexto, traz como exemplos o conforto ambiental (térmico, acústico e visual), a iluminação e ventilação natural, redução de experiências olfativas indesejáveis, além do trato da forma, textura e natureza dos elementos, contemplando também a utilização de terapias alternativas.

Se tratando de pacientes pediátricos, os mesmos encontram-se em processo de desenvolvimento, e, por isso, a busca por promover conforto físico e psicológico, com conceito de humanização, é essencial para a preparação e amparo emocional no processo de tratamento. Desse modo, o “humanizar” pode estar inserido no ambiente de diversas maneiras, incluindo no aspecto sensorial, por meio de luzes, cores, sons e aromas. Outra alternativa é o “brincar”, que, além de diminuir o estresse, auxilia a criança a expressar seus sentimentos e desconfortos, facilitando a compreensão do adulto (médico, enfermeiro ou acompanhante) que está lidando com a situação, bem como do próprio paciente, que se sente mais à vontade (DE OLIVEIRA; MATTIOLI, 2005).



Levando-se em conta esses aspectos, fica evidente a importância da humanização dos espaços internos, já que possui influência direta sobre o comportamento dos indivíduos, ainda mais se tratando do público infantil, onde esse impacto se torna ainda mais minucioso e significativo. Sendo assim, a arquitetura de interiores no setor da saúde é corresponsável por proporcionar um processo de tratamento mais eficaz e tranquilo.

2.3 ARQUITETURA NA ÁREA DA SAÚDE

A preocupação e cuidado com o ambiente hospitalar surgiu da necessidade de se criar a ideia de abrigo e cuidado às pessoas que buscam serviços médicos. Desta maneira, a arquitetura está intrínseca nos espaços de saúde muito antes da medicina (LEITE; SOETHE, 2015).

O arquiteto tem o papel fundamental de reunir, em um único projeto, o amplo programa de necessidades, anseios e carências de uma grande equipe médica, além de seguir as normas vigentes, estudar o público-alvo e criar espaços que auxiliem no processo hospitalar. Tendo em vista que hospitais e clínicas são empreendimentos em constante evolução e de trabalho contínuo, o profissional precisa tornar funcional e eficaz o dia a dia de todos os usuários (HOREVICZ; DE CUNTO, 2007).

Portanto, a arquitetura, associada ao conceito de humanização, tem como premissa a elaboração de projetos que contemplem não somente a beleza, forma e função, mas que aliem aspectos construtivos ao processo de cura dos pacientes e promoção de bem-estar aos usuários. Dessa maneira, é de responsabilidade do profissional de arquitetura promover a humanização dos espaços por meio de ambientes que propiciem o trabalho de equipes interdisciplinares. Cabe também ao arquiteto a adequação do local para implantação do complexo de saúde, evitando a construção em espaços que impossibilitem futuras expansões, além de reunir e elaborar um programa de necessidades singular, tendo conhecimento de cada área de atuação, bem como seus mobiliários, equipamentos e infraestrutura necessária, adequando assim, fluxos, organogramas e programa físico funcional. Ainda, o arquiteto deve ter consciência da constante evolução da tecnologia que impacta diretamente nos ambientes já construídos, cabendo ao projeto contemplar soluções e diretrizes que permitam possíveis e necessárias ampliações (TOLEDO, 2005).

Tratando-se do público pediátrico, esse projeto deve abranger, além dos requisitos básicos e necessários de um empreendimento de saúde, a buscar por estratégias que auxiliem no processo de tratamento dos pacientes, tornando a experiência mais leve e com melhores resultados (HOREVICZ; DE CUNTO, 2007).

Em virtude do que foi mencionado, conclui-se que a arquitetura de interiores hospitalar resulta na projeção de espaços mais eficientes, com melhor aproveitamento físico, facilitando o dia a dia dos profissionais de saúde, bem como garantindo ergonomia dos ambientes, mobiliários e equipamentos, a fim de criar locais que proporcionem a cura e flexibilidade. Dessa forma, a inclusão de estratégias



arquitetônicas ao espaço resulta em um atendimento e processo de tratamento mais humano, tranquilo e acolhedor.

2.4 ARQUITETURA DA SAÚDE HUMANIZADA

A integração do ambiente interior com o exterior é uma das estratégias que auxiliam na humanização do espaço, pois promove benefícios aos usuários, garantindo estímulos sensoriais que tornam o “estar” mais tranquilo e agradável, pelo fato da natureza proporcionar calma, encorajamento à imaginação e criatividade, regular os níveis de serotonina, promover sensação de felicidade e bem-estar, entre outros benefícios. Além disso, essa integração adotada na elaboração dos projetos deixa os ambientes com maior ventilação e iluminação naturais, tornando essa estratégia eficaz, contribuindo para o processo de cura dos pequenos pacientes e conforto aos acompanhantes e profissionais de saúde (VASCONCELOS, 2004).

O lúdico também está inserido nas estratégias de humanização. Neste ponto, a brinquedoteca tem essencial relevância em tornar o espaço mais prazeroso, sendo um apoio para brincadeiras, momentos divertidos e de descontração, envolvendo o paciente e também todos aqueles que estão presentes no processo de tratamento. Além disso, para atingir essa estratégia em toda a faixa etária é preciso proporcionar atividades e estímulos para todas as idades, com oficinas, jogos educativos, espaços interativos, tecnologia, espaços de pintura, desenho, leitura, entre outras atividades responsáveis por ambientar e tornar mais alegre a estadia do paciente, além de promover o acolhimento e o equilíbrio em seus estados físico, psicológico e emocional (SILVA et al., 2020).

A psiconeuroimunologia também é um fator importante para a excelência do conceito de humanização, pois é a ciência e a arte de idealizar ambientes que auxiliem na contenção de doenças, promoção de cura e bem-estar. Essa vertente é baseada nos estímulos sensoriais já indicados acima, otimizando a relação entre o ser humano e o ambiente, que deve estar inserido na proposta arquitetônica de ambientes hospitalares (HOREVICZ; DE CUNTO, 2007).

As cores e luzes são elementos imprescindíveis e intimamente ligados ao conceito em comento, já que são responsáveis por promover sensações e resultados significativos nos processos de tratamentos. Dessa forma, é necessário o estudo das cores e luzes nos mais variados ambientes que constituem uma unidade de saúde, em conjunto com a proposta de mobiliários e equipamentos, a fim de criar cenas, facilitando e auxiliando os mais diversos tipos de tratamentos, em horários e situações distintas. Som, aroma, forma e textura também estão presentes na humanização, garantindo a preocupação com ruídos externos e internos, o olfato que atinge a ligação mais rápida com o cérebro, a forma do espaço físico com adesão de elementos mais intimistas e funcionais, e as texturas, presentes em todos os materiais empregados para compor os ambientes (HOREVICZ; DE CUNTO, 2007).



Esses são alguns exemplos e estratégias responsáveis por tornar o ambiente mais humanizado, podendo ser adotados desde a construção de um novo hospital ou clínica pediátrica, ou em reformas, ampliações e readequações. É de extrema importância que o profissional de arquitetura busque sempre por conhecimento e valorização do ser humano, a fim de contribuir com a promoção de bem-estar de uma sociedade e, principalmente, dos pacientes.

Tratando-se de um ambiente destinado ao tratamento pediátrico, é ainda mais minucioso o estudo e o desenvolvimento de projeto, tanto arquitetônico como projeto de interiores, pois trata-se de um público em desenvolvimento, muitas vezes sem entendimento da situação, bem como de todos os acompanhantes e envolvidos no processo.

2.5 ESTUDO DE CASOS E REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Para melhor compreensão das estratégias inseridas no conceito de humanização, é necessário realizar um estudo de caso, utilizando hospitais que adotaram a referida abordagem em sua concepção formal e funcional, perfazendo a análise com a pesquisa do referencial teórico. Dessa forma, com base nas pesquisas realizadas, foram definidos três hospitais como referência (quadro 01), que contemplam soluções variadas e eficazes para alcançar o ideal de um projeto humanizado de saúde para o público pediátrico: Hospital Infantil Nelson Mandela, Hospital Infantil EKH/IF - Integrated Field e Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears.

Quadro 01: Ficha Técnica

Dados	Hospital Infantil Nelson Mandela	Hospital Infantil EKH/IF	Hospital Infantil Nemours
Local	Joanesburgo, África do Sul	Samut Sakhon, Tailândia	Orlando, Estados Unidos
Escritório de arquitetura	GAPP, John Cooper Architecture, Ruben Reddy Architects, Sheppard Robson	IF (Integrated Field)	Stanley Beaman & Sears; Arquitetos de interiores: Perkins + Will
Área	30.000,00m ²	6.000,00m ²	1.920,00m ²
Capacidade	200 leitos	95 leitos	127 leitos
Ano	2016	2019	2012

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

2.5.1 Hospital Infantil Nelson Mandela (Joanesburgo, África do Sul)

Resultante de um concurso onde os arquitetos Sheppard Robson, John Cooper Architecture, GAPP e Ruben sagraram-se vencedores, o projeto buscou associar, desde os primeiros traços, o tratamento de saúde, o público infantil e o ambiente externo (natural) em um só complexo, criando assim soluções com tecnologia de última geração e qualidade de cura. Dessa forma, a busca por segurança, conforto e identificação com o espaço se caracterizam no conceito de humanização, além de estar diretamente ligadas ao ambiente físico. Sendo assim, o “humanizar” está inserido no projeto por meio de ambientes lúdicos, lazer, conexão com a natureza, preocupação com a escala e aparência



dos mobiliários e do empreendimento com o uso de materiais regionais, diferentes formas, cores, texturas e tamanhos (figura 1) (PEDROSA, 2018).

Além disso, o hospital também insere espaços para pesquisa acadêmica, sendo considerado um hospital escola, por ter parceria com a Universidade da Faculdade de Medicina de Witwatersrand, proporcionando uma estrutura completa e de última geração para auxiliar na formação e treinamento de novos profissionais da saúde no país (PEDROSA, 2018).

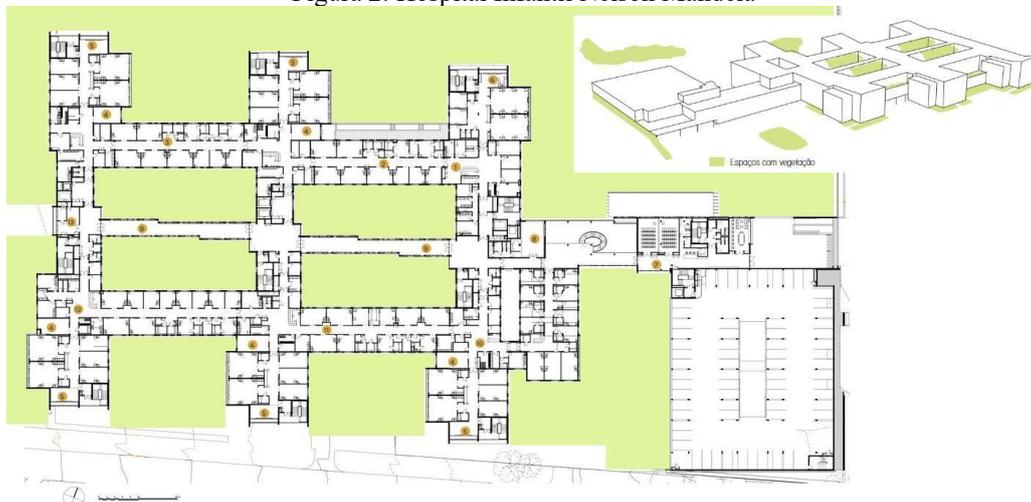
Figura 1: Hospital Infantil Nelson Mandela



Fonte: ARCHDAILY, 2017.

Construído no ano de 2018, em Joanesburgo, África do Sul, o Hospital Infantil Nelson Mandela teve como elemento-chave a busca por um estabelecimento que oferecesse um tratamento de saúde infantil integrado à natureza, sendo que essa conexão com o natural delineou a ideia de toda a concepção do projeto. Dividido em seis alas, o hospital contempla uma grande incidência de iluminação e ventilação natural, possibilitando a visão contínua das paisagens externa e interna, por meio de jardins e pátios criados entre cada ala (figura 2), projetados para propiciar a ideia de um ambiente natural de cura (ARCHDAILY, 2017).

Figura 2: Hospital Infantil Nelson Mandela



Fonte: PEDROSA, 2018, editado pelo autor.



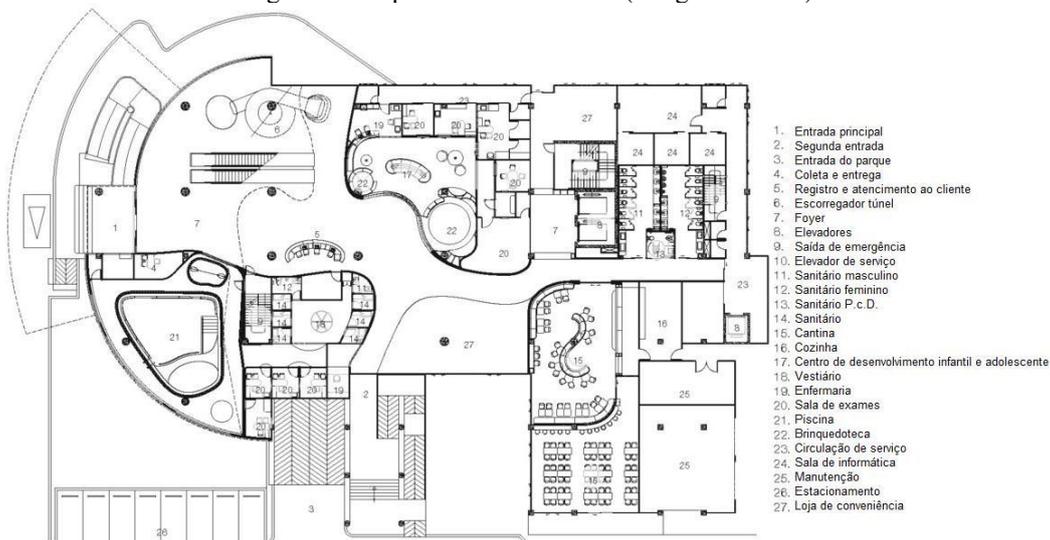
Com o intuito de embelezar e oferecer ambientes naturais para o tratamento, os pátios internos e externos são utilizados para terapia ocupacional e brincadeiras ao ar livre, aproveitando da proximidade com a reserva Parktown Ridge Conservation Area. Esse recurso de conexão com o exterior está intrínseco na humanização e ressalta ainda mais a importância de estar próximo à natureza, auxiliando no tratamento e resultando em um complexo que oferece, tanto em seu interior quando exterior, contemplação e calma (THESANZALA, 2018).

Neste contexto, elementos que remetem à natureza e ambientes que se integram são essenciais para criar, além de um clima mais agradável, um estágio avançado de bem-estar aos pacientes, garantindo que o tratamento seja tranquilo e eficaz.

2.5.2 Hospital Infantil EKH/IF - Integrated Field (Samut Sakhon, Tailândia)

Visando tornar a hospitalização em uma experiência lúdica, o Hospital Infantil EKH/IF (Integrated Field), situado na Tailândia, utilizou diversas estratégias da arquitetura de interiores, que possibilitaram a distração, diversão e um olhar diferente de enxergar o hospital pelos pequenos pacientes. Com o conceito “brincar é curar”, na recepção do empreendimento foi projetado um grande escorregador em espiral (figura 3 e 4), na cor amarela, bem em frente ao hall de entrada (com fachada de vidro), permitindo um primeiro contato já com a ideia de chamar a atenção do paciente, com uma decoração que remete a shoppings ou hotéis de luxo (ARCHDAILY, 2020).

Figura 3: Hospital Infantil EKH/IF (Integrated Field)



Fonte: ARCHDAILY, 2020, editado pelo autor.

Lincando a essa ideia, as salas de espera são verdadeiros playgrounds por todo hospital (figura 4). Além disso, as linhas dos mobiliários permitem que a imaginação voe longe, por meio de curvas, oferecendo a sensação de liberdade e de estarem propositalmente dimensionadas para corresponder à



proporção do corpo das crianças, tornando o espaço mais convidativo e reconfortante, bem como correspondendo ao partido arquitetônico denominado “dimensão das crianças” (ARCHDAILY, 2020).

Figura 4: Hospital Infantil EKH/IF (Integrated Field)



Fonte: ARCHDAILY, 2020.

Ainda, o uso de iluminação indireta em todas as circulações permite com que os usuários se sintam mais a vontade, sem o desconforto da incidência direta de luz e o brilho excessivo. Outra peculiaridade do empreendimento é que todos os dormitórios possuem, em cima da cama, uma constelação que brilha no escuro, garantindo uma iluminação lúdica, interativa (figura 5) e que durante as medicações noturnas os pacientes não se sintam incomodados com a iluminação direta (ARCHELLO, 2020).

Figura 5: Hospital Infantil EKH/IF (Integrated Field)



Fonte: ARCHDAILY, 2020

Reconhecido por ser um local atrativo e recreativo, o Hospital EKH tem seu projeto baseado na busca por promover a “diversão”, dimensionando espaços e criando formas físicas, cores e símbolos



materializados que, pela perspectiva infantil, se tornam delicados e transmitem boas sensações, permitindo que o público alvo possa desfrutar e explorar dos ambientes do hospital, com o uso de sua imaginação e criatividade (ATHAYDE, 2020).

2.5.3 Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears (Orlando, Estados Unidos)

O Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears de Orlando, Estados Unidos, tem sua filosofia atrelada a tranquilizar, encorajar e divertir os pacientes e usuários do local. Projetado com a colaboração de pais e profissionais de saúde, o hospital possui estratégias que facilitam e apoiam o processo de hospitalização. Os quartos, por exemplo, possuem camas para dois acompanhantes, lavanderia, copa e estar. Ainda, a cor da iluminação cênica, presente nas janelas da fachada frontal (figura 6), pode ser escolhida pela própria criança, criando uma fachada colorida e permitindo o controle por parte do paciente, que se sente mais confortável em tomar decisões, deixar o ambiente do seu modo e sentir que está participando ativamente do tratamento (ARCHDAILY, 2013).

Figura 6: Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears



Fonte: ARCHDAILY, 2013, editado pelo autor.

O hospital adota o termo “ambiente de cura” para tranquilizar pais e acompanhantes, além de encantar o público alvo. Ainda, a proposta arquitetônica proporciona o bom relacionamento e solidez aos trabalhos interdisciplinares e multidisciplinares, garantindo, assim, um serviço de excelência e de alto nível (LEITNER; PINA, 2020).

Além disso, o projeto de arquitetura de interiores contempla uma estética simples e moderna, com mobiliário colorido e diversas ilustrações dispostas pelas paredes do hospital. Uma alternativa



diferenciada proposta foi no hall de entrada, onde foram expostos painéis iluminados que mudam de cor e formas divertidas nos mobiliários, pisos, paredes e forro (figura 07) (SIQUEIRA, 2015).

Figura 7: Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears



Fonte: ARCHDAILY, 2013.

Desse modo, o hospital, que é considerado uma referência dentro dos Estados Unidos, é conhecido pela arquitetura diferenciada, elaborada para atender, amparar e proporcionar aos pequenos pacientes uma experiência que vai além do real tratamento de saúde, integrando momentos alegres e divertidos (SIQUEIRA, 2015).

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada por meio de análises bibliográficas em artigos, trabalhos e empreendimentos desenvolvidos e embasados sobre o tema em comento. As análises e coleta de dados auxiliaram na seleção e sustentação de ferramentas que embasam o assunto, evidenciando a necessidade e importância da inserção da humanização nos espaços destinados ao atendimento pediátrico, além de diagnosticar ferramentas e estratégias que auxiliam na promoção e adesão do “humanizar” por meio da arquitetura de interiores em ambientes de saúde para infantes.

3.1 TIPOLOGIA E MÉTODOS DE PESQUISA

O artigo foi desenvolvido por métodos mistos, responsáveis por reunir e contextualizar dados, proporcionando uma maior relação e abordagem com o assunto em comento (DA LUZ, 2018).

Além disso, a pesquisa foi desenvolvida a partir dos referenciais teórico, empírico e crítico:

3.1.1 Referencial teórico

Engloba estudos já realizados com estudos bibliográficos de embasamento e projetos hospitalares infantis (Hospital Infantil Nelson Mandela, Hospital Infantil EKH/IF [Integrated Field] e



Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears), relacionando e apontando a ligação entre o espaço e o ser humano;

3.1.2 Referencial empírico

Reúne a coleta de informações referente aos processos de hospitalização infantil, ligando a importância da humanização para o auxílio e melhora nos tratamentos;

3.1.3 Referencial crítico

Junção de diagnósticos que contribuam para o desenvolvimento e criação de projetos humanizados com foco no público específico.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados da pesquisa, foram utilizadas as seguintes técnicas: estudos bibliográficos, estudos documentais com fontes em sites, livros, artigos, revistas científicas, trabalhos acadêmicos, documentos institucionais e estudos de caso.

Esses instrumentos auxiliaram para reunir diversos tipos de abordagens dentro do sistema de método adotado para a pesquisa, promovendo a variada coleta e análise de dados em um único estudo.

O principal resultado esperado a partir da coleta de dados foi a identificação da importante relação entre o espaço de saúde (projeto arquitetônico) e o bem-estar do usuário, em especial o público infantil. Desta forma, com base nos estudos de caso, foi possível reunir e diagnosticar estratégias e métodos utilizados para minimizar o caráter amedrontador da hospitalização infantil, enfatizando a fusão do senso crítico do pequeno paciente, acompanhantes e profissionais de saúde em relação ao ambiente, buscando a qualidade do tratamento almejado por meio da humanização e, ainda, a inclusão da responsabilidade e importância do profissional especializado para desenvolver e projetar a constante transformação desses ambientes (ELALI, 1997).

3.3 INSTRUMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Com o objetivo de reunir os elementos que promovam a discussão da importância da inserção do conceito de humanização nos espaços de saúde, os instrumentos utilizados para análise de dados foram basicamente a seleção e a sintetização dos estudos bibliográficos anteriormente coletados, a fim de reunir, em um só estudo, as estratégias e ideias publicadas, evidenciando a relevância da humanização em espaços hospitalares infantis e as alternativas para a inserção do conceito em casos concretos.

Sendo assim, os estudos demonstram que, para se obter um atendimento humanizado no ramo da pediatria, de acordo com as pesquisas realizadas, a promoção de bem-estar deve ser traduzida por



meio de estratégias que auxiliam no processo de cura do paciente. Dessa forma, com levantamento de dados coletados no referencial teórico, foi possível reunir os métodos para inserção do conceito no ambiente pediátrico e seus benefícios. Além disso, a análise dos estudos de casos em hospitais de referência (Hospital Infantil Nelson Mandela, Hospital Infantil EKH/IF [Integrated Field] e Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears) foi essencial para a identificação de como cada estratégia foi empregada na elaboração da arquitetura de interiores, tornando esses hospitais modelos no atendimento infantil humanizado.

Nesse contexto, o quadro 02, abaixo, demonstra as estratégias mencionadas no referencial teórico da pesquisa, relacionando com os hospitais analisados no estudo de caso, evidenciando qual alternativa foi utilizada em cada um deles para atingir o conceito do “humanizar”. É válido ressaltar que cada projeto possui características e necessidades únicas, devido sua demanda, terreno, localização, orientação solar, dimensionamento e diversas outras peculiaridades que são provenientes de cada programa de necessidade, mas, mesmo assim, todos os empreendimentos conseguiram atingir a humanização, com o emprego das mais diversas possibilidades oferecidas pela arquitetura de interiores.

Em face aos dados apresentados, é possível afirmar que, com o auxílio de um profissional de arquitetura de interiores, as unidades de saúde para o atendimento de crianças (0 à 12 anos) devem oferecer um melhor atendimento mediante o cumprimento básico do conceito discutido ao longo desse estudo. É necessário que o trabalho seja multidisciplinar e tenha como premissa a valorização do infante, suas necessidades e anseios. Em vista dos argumentos apresentados, as estratégias podem ser empregadas tanto em um novo projeto, incluindo e explorando diferentes métodos para a inserção do conceito, como também em empreendimentos já existentes, de forma gradual, reformando e criando espaços para oferecer um serviço de excelência e singularidade.



Quadro 2: Análise de dados

QUADRO DE ANÁLISES DE DADOS				
Estratégias para humanização	Estudos de casos	Hospital Infantil Nelson Mandela	Hospital Infantil EKH/IF - Integrated Field	Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears
Referencial Teórico				
Ambientes lúdicos, interativos, com mobiliário adequado, preocupação com a escala e cantos arredondados, estimulando o imaginário, chamando a atenção da criança.				
Acompanhamento da família, com espaços adequados para atender esses responsáveis, diminuindo o impacto causado durante o processo de tratamento.				
Conforto ambiental (térmico, acústico e visual), preocupação com iluminação e ventilação natural, forma, textura e natureza dos elementos, garantindo estímulos sensoriais, proporcionando um processo mais tranquilo e agradável.				
Inserção de cores, luzes, sons e aromas, promovendo conforto físico e psicológico, além de amparo emocional.				
Espaços interativos e de brincadeiras, a fim de proporcionar um ambiente mais alegre, acolhedor e equilíbrio em seus estados físico, psicológico e emocional.				

Fonte: elaborado pelo autor, 2021.

Dessa forma, o estudo elencou as mais variadas estratégias para atingir o conceito de humanização, soluções que já estão sendo utilizadas em hospitais infantis renomados e que possuem resultados satisfatórios, tanto no tratamento e hospitalização quanto no comportamento físico e emocional dos pacientes e usuários, permitindo que o conceito comum de hospital, tido por um espaço frio e inseguro, se torne acolhedor, divertido e recreativo.

4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O estudo reuniu e abordou elementos essenciais para a promoção do conceito de humanização em espaços hospitalares infantis, a partir de análises bibliográficas e estudos de casos referentes a projetos de hospitais já criados e executados com base nos diversos elementos que permeiam o tema.

Conforme citado anteriormente, a humanização dos ambientes tem se tornado um tema vasto e necessário, pois o conceito está diretamente relacionado com o emocional e psicológico dos que



frequentam o local, buscando pela promoção de bem-estar (CAVALCANTI; DUARTE; AZEVEDO, 2007).

Na forma demonstrada no Quadro 02, as estratégias mencionadas no referencial teórico, buscando atingir o conceito de humanização, foram amplamente utilizadas nos renomados hospitais analisados no estudo de caso, garantindo resultados positivos para um processo de tratamento infantil, com tranquilidade, acolhimento e segurança. Ainda, pela observância dos aspectos verificados, ficou evidente, nos três projetos estudados, que, pela eficácia dos diversos métodos adotados, esses espaços de saúde são considerados referência no tratamento infantil, em decorrência dos benefícios diários proporcionados pelo projeto de arquitetura de interiores, em conjunto com a alta tecnologia e equipe médica de excelência.

Os resultados obtidos com o estudo foram além da definição da importância que o conceito aderiu ao longo dos anos. Restou demonstrada a extrema relevância das soluções presentes na arquitetura de interiores, aplicadas aos espaços de saúde para pequenos pacientes, relacionando as abordagens com os benefícios promovidos por meio de cada estratégia utilizada, bem como buscando apresentar propostas que garantam o uso de diversas alternativas, não somente voltadas aos profissionais da área da arquitetura como também aos profissionais responsáveis pelas instituições de saúde, utilizando-as de forma isolada ou não, aproximando-se, portanto, do ideal conceito de humanização.

Ninguém se cura somente da dor física, tem de curar a dor espiritual também. Acho que os centros de saúde que temos feito provam ser possível existir um hospital mais humano, sem abrir mão da funcionalidade. Passamos a pensar na funcionalidade como uma palavra mais abrangente: é funcional criar ambientes em que o paciente esteja à vontade, que possibilitem sua cura psíquica. Porque a beleza pode não alimentar a barriga, mas alimenta o espírito (LIMA, 2004, p.50).

Em se tratando do público infantil, o conceito de humanização se torna essencial, garantindo soluções que diminuam o estresse causado pelo processo de tratamento. Sendo assim, estas estratégias podem ser inseridas desde o início do projeto, mas também adicionadas a espaços já existentes, permitindo que todos os atendimentos estejam inseridos no conceito.

Para compreensão das estratégias abordadas na pesquisa foram feitos estudos de caso em hospitais renomados e de excelência no atendimento ao público pediátrico, sendo eles: Hospital Infantil Nelson Mandela, Hospital Infantil EKH/IF (Integrated Field) e Hospital Infantil Nemours/Stanley Beaman & Sears. Os levantamentos contribuíram para o entendimento e percepção das mais variadas técnicas utilizadas para oferecer um atendimento de alta complexidade, primazia e humanizado.

A integração do ambiente interior com o exterior, promovendo maior iluminação e ventilação natural, é a primeira alternativa abordada na pesquisa, permitindo que a natureza proporcione calma e encorajamento, com regulação dos níveis de serotonina, garantindo sensação de felicidade e bem-estar.



Já a segunda solução abordada é transformar espaços frios e muitas vezes amedrontadores em ambientes lúdicos, com playgrounds e brinquedos interativos, que estimulem a criatividade e a comunicação, que na maioria das vezes é complexa e difícil. A psiconeuroimunologia também é destacada na pesquisa, por ser um dos pilares do conceito de humanização, responsável por direcionar a criação de ambientes que estimulem a cura, baseada nos estímulos sensoriais, garantindo uma experiência mais íntima e otimizada. Como última abordagem, as cores, luzes, texturas e formas são elencadas como imprescindíveis para a excelente execução do “humanizar”, facilitando e auxiliando diversos tipos e níveis de tratamento, podendo estar inseridas nos mobiliários, equipamentos, paredes, entre outros.

Desse modo, ficou constatado que a humanização no espaço de saúde visa aproximar o paciente ao complexo hospitalar, com a exploração dos sentidos por meio do conforto térmico, forma, escala, cores e texturas, propiciando um espaço que vai além do óbvio por sua finalidade, mas um ambiente mais humano, com qualidade no atendimento ofertado pelos profissionais de saúde e maior eficácia dos resultados.

O que torna estes espaços humanizados é o fato de eles estabelecerem uma forte e boa ligação com o usuário. No caso dos ambientes hospitalares, este aspecto deve ser mais forte ainda, pois os espaços são projetados para receber pessoas geralmente em estágio de recuperação, onde o fator emocional muito influi. Sendo assim, o ambiente deve propiciar ao indivíduo sensação de bem-estar e tranquilidade, o que, conseqüentemente, lhe proporcionará a sensação de segurança e confiabilidade (CIACO, 2010, p.68).

De acordo com as estratégias e solução abordadas na pesquisa, fica evidente a necessidade da utilização do conceito para a elaboração dos projetos de arquitetura hospitalar, ainda mais se tratando de pacientes pediátricos, sendo corresponsabilidade do arquiteto oferecer e criar a melhor solução para tornar eficaz e funcional o espaço de saúde.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar uma síntese de alguns estudos e trabalhos publicados que demonstram a importância da inserção do conceito de humanização em ambientes hospitalares voltados ao público pediátrico (0 à 12 anos).

A influência dos espaços físicos é um dos pilares para recuperação e tratamento dos pacientes em uma unidade de saúde. Tendo como premissa essa conscientização, é necessária a introdução de alternativas que contribuam significativamente para os benefícios físicos e psicológicos de todos os envolvidos no processo.

Com o intuito de desmistificar o caráter frio e amedrontador do processo de tratamento pediátrico, ficou evidente, com o passar dos anos, a necessidade de se compreender a relação entre o



estado psicológico do ser humano e o ambiente físico, ficando nítida a influência direta de ambos os conceitos na promoção do bem-estar, conforto e segurança dos pacientes.

Dessa maneira, os espaços de curar e de tratamento dos enfermos devem ser projetados para seu público-alvo específico, garantindo o atendimento de todas as necessidades e exigências. Se tratando do público pediátrico, esse espaço deve comportar, além do pequeno paciente, uma ampla equipe médica e acompanhantes, que são de extrema importância para um atendimento com mais tranquilidade.

A adoção das mais diferentes estratégias apresentadas – ventilação e iluminação naturais, integração de ambientes internos e externos, criação de espaços lúdicos, mobiliários e estruturas dimensionadas às crianças, utilização de cores, textura e luzes que promovam bem-estar, entre outros – tem como escopo levar conforto, tranquilidade e segurança aos ambientes hospitalares infantis, permitindo que o tratamento aplicado seja menos traumático, revelando uma experiência que alie o reestabelecimento da saúde com lembranças mais leves, em detrimento da pesada carga emocional que determinadas intervenções médicas causam às crianças.

Nesse sentido, o arquiteto é responsável por conectar, de maneira funcional e formal, em um único projeto, os pequenos pacientes ao ambiente hospitalar, que deixam de ver o espaço médico de forma aterrorizante e traumática, para se tornar um ambiente acolhedor, confortável e de boas experiências.

Dessa forma, a pesquisa serviu de embasamento para a continuação do estudo, que se mostrou amplo e peculiar, além de ser uma área da arquitetura de interiores em constante evolução (arquitetura hospitalar). Com isso, o artigo servirá de instrumento para o prosseguimento do assunto em comento, tanto para o auxílio no tratamento infantil multidisciplinar, com ênfase no espaço físico, quanto para a arquitetura de interiores da humanização.



REFERÊNCIAS

ARCHDAILY, Hospital Infantil EKH / IF (Integrated Field). Arch Daily, 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/935133/hospital-infantil-ekh-if-integrated-field?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects. Acesso em: 15 de jan. 2021.

ARCHDAILY, Hospital Infantil Nelson Mandela / Sheppard Robson + John Cooper Architecture + GAPP + Ruben. Arch Daily, 2017. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/883040/hospital-infantil-nelson-mandela-sheppard-robson-plus-john-cooper-architecture-plus-gapp-plus-ruben?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects. Acesso em: 15 de jan. 2021.

ARCHDAILY, Hospital Infantil Nemours / Stanley Beaman & Sears. Arch Daily, 2013. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-163632/hospital-infantil-nemours-slash-stanley-beaman-and-sears>. Acesso em: 15 de jan. 2021.

ARCHELLO, Hospital Infantil EKH. Archello, 2020. Disponível em: <https://archello.com/pt/project/ekh-children-hospital#stories>. Acesso em: 22 de jan. 2021.

ATHAYDE, Têka. Hospital Infantil na Tailândia. TK Designer, 2020. Disponível em: <https://www.tkdesigner.com.br/hospital-infantil-na-tailandia/>. Acesso em: 22 de jan. 2021.

BITENCURT, Fábio Oliveira Filho; COSTA, Maria Tereza Fonseca. A arquitetura do ambiente de nascer: aspectos históricos. Revista Dissertar, Rio de Janeiro, v.1, n.5, p. 12-15, 2003. Disponível em: <http://www.revistadissertar.adesa.com.br/index.php/revistadissertar/article/view/176>. Acesso em: 27 de out. 2020.

CAVALCANTI, Patrícia Biasi; DUARTE, Cristiane Rose; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Humanização, imagem e caráter dos espaços de saúde. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.

CIACO, Ricardo José Alexandre Simon. A arquitetura no processo de humanização dos ambientes hospitalares, 2010. Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia) – Universidade de São Paulo Escola de Engenharia de São Carlos, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-05012011-155939/publico/Mestrado_RicardoCiaco_BAIXA.pdf. Acesso em: 23 de jan. 2021.

COLLET, Neusa, et al. Sofrimento Psíquico da criança hospitalizada e dos agentes envolvidos na assistência. Relatório Técnico de Pesquisa ao CNPq. [Paraíba: UFPB], 2005. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/extensao/documentos/anais/6.SAUDE/6CCSDESPPOU T01.pdf>. Acesso em: 17 de out. 2020.

DA LUZ, Samoara Viacelli. A utilização de estratégias de ensino e de avaliação na formação de engenheiros: um estudo de métodos mistos, 2018. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2018. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3123/1/CT_PPGTE_D_Luz%2c%20Samoara%20Viacelli%20da_2018.pdf. Acesso em: 25 de dez. 2020.

DE CARVALHO, Antônio Pedro Alves. Introdução à Arquitetura Hospitalar. Salvador: Quarteto Editora, 2014.

DE GÓES, Ronald. Manual Prático de Arquitetura Hospitalar. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.



DE MEDEIROS, Luciana. Humanização Hospitalar, ambiente físico e relações assistenciais: a percepção de arquitetos especialistas. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/17547/1/LucianaM.pdf>. Acesso em: 12 de fev. 2021.

DE OLIVEIRA, Márcia Campos; MATTIOLI, Olga Ceciliato. Hospitalização infantil: O brincar como espaço de ser e fazer. São Paulo: Faculdades de Ciências e Letras de Assis, UNESP, 2005. Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/96_MARCIA_CAMPOS_DE_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 08 de fev. 2021.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. Estudos de Psicologia. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, v.2, n.8, p.349-362, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a09v02n2.pdf>. Acesso em: 23 de dez. 2020.

HOREVICZ, Elisabete Cardoso Simão; DE CUNTO, Ivanóe. A humanização em interiores de ambientes hospitalares. Revista Terra e Cultura, Londrina, v.45, n.23, p.17-23, agosto a dezembro 2007. Disponível em: <https://unifil.br/portal/images/pdf/documentos/revistas/revista-terra-cultura/terra-e-cultura-45.pdf#page=17>. Acesso em 27 de dez. 2020.

LEITNER, Andrea D' Angelo; PINA, Silvia Mikami. Arquitetura sob a ótica da humanização em ambientes de quimioterapia pediátrica. Ambiente Construído, Porto Alegre, v.20, n.3, p. 179- 198, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ac/v20n3/1678-8621-ac-20-03-0179.pdf>. Acesso em 22 de jan. 2021.

LIMA, João Filgueiras. O que é ser arquiteto: memórias profissionais de Lelé (João Figueiras Lima). Depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro, Record, 2004, p.50.

LIMA, Regina Aparecida Garcia; ROCHA, Semiramis Melani Melo; SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan. Assistência à criança Hospitalizada: reflexões acerca da participação dos pais. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 33-39, abril 1999.

PEDROSA, Gabriela. Crescer: Centro de Atenção à Saúde e Desenvolvimento de Crianças Especiais na Microregião de Curitiba – SC. Santa Catarina: Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, 2018. Disponível em: https://issuu.com/gabrielapedroso_/docs/tfg_final_reduzido. Acesso em: 22 de jan. 2021.

PEROSA, Gimol Benzaquen Perosa; GABARRA, Leticia Macedo. Explicações de crianças internadas sobre a causa das doenças: implicações para a comunicação profissional de saúde-paciente. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.8, n.14, p.135-47, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/12396/S1414-32832004000100008.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 de jan. 2020

RIBEIRO, Juliane Portella; GOMES, Giovana Calcagno; THOFEHRN, Maira Buss. Ambiência como estratégia de humanização da assistência na unidade de pediatria: revisão sistemática. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v.48, n.3, p.530-539, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342014000300530&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 27 de out. 2020.

SEBBEN, Victória Andreis. Humanização da arquitetura hospitalar: diretrizes projetuais para espaços criativos de internação pediátrica, 2020. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em



Arquitetura e Urbanismo) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9467/Victoria%20Andreis%20Sebb en_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 03 de jan. 2021.

SILVA, Jéssica Íris da Silva, et al. O lúdico como estratégia no cuidado no olhar da criança hospitalizada. Saúde Coletiva (Barueri). [S.L.], v.10, n.52, p. 2210-2221, 2020. Acesso em: <http://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/538>. Acesso em: 28 de dez. 2020.

SIMPÓSIO BRASILEIRO, IV., 2015, Viçosa. Anais eletrônicos [...]. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2015. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/6039/3/50.pdf>. Acesso em: 12 de dez. 2020.

SIQUEIRA, Carolina Isabel do Nascimento. A Arquitectura como factor fundamental para a criação de conforto em situações de enfermidade: proposta para um centro de internamento de reabilitação pediátrico em Portimão, 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitectura) - Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, Portimão, 2015. Disponível em: <https://recil.grupolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/7089/1/Carolina%20Sequeira%20Disserta%c3%a7%c3%a3o%20texto%20RECIL.pdf>. Acesso em: 23 de jan. 2021.

THESENZALA, Hospital Pediátrico Nelson Mandela: Sheppard Robson, John Cooper Architecture, GAPP e Ruben Reddy Architects. The Senzala, 2018. Disponível em: <http://thesanzala.com/2018/09/08/hospital-pediatrico-nelson-mandela-sheppard-robson-john-cooper-architecture-gapp-e-ruben-reddy-architects/>. Acesso em: 21 de jan. 2021.

TOLEDO, Luiz Carlos de Menezes. Humanização do edifício hospitalar, um tema em aberto. Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitectura. UFRJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/humanizacao_edificio_hospitalar.pdf. Acesso em: 11 jan. 2021.

VASCONCELOS, Renata Thaís Bomm. Humanização de ambientes hospitalares: características arquitetônicas responsáveis pela integração interior/exterior. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87649/226212.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jan. 2021.